

ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA DE TOTALIDADE: O COTIDIANO PÓS-MODERNO

CRITICAL ANALYSIS ON AGEING IN THE PERSPECTIVE OF THE TOTALITY: THE POST-MODERN WORLD

Gabriela Cristina Carneiro Vilione*

RESUMO: O envelhecimento populacional é realidade vivenciada de forma expansiva pela maior parte do mundo, e, enquanto fenômeno mundial carrega consigo a conquista da longevidade, mas paradoxalmente, também o desafio de se pensar na velhice da classe trabalhadora que continua subalternizada. Destarte, abordaremos neste excerto, sobre o envelhecimento na perspectiva de totalidade, tendo como concepção teórico-metodológica, pautada no materialismo histórico dialético em Marx – sendo que o presente artigo faz alusão ao trabalho de dissertação de mestrado em Serviço Social em andamento – a questão dos estigmas propalados pela sociedade pós-moderna que promove e perpetua pseudovalorizações da velhice, e, impede de olharmos integralmente para o envelhecimento enquanto uma fase que continuamos sujeitos históricos de direitos com potencialidades para além desta sociabilidade. Para tanto, explanaremos sobre a velhice em tempos de capital e as investidas neoliberais, a velhice das classes subalternas e a centralidade do trabalho.

Palavras-chave: Estigmas; Pseudovalorizações; Pós-modernidade e Velhice.

ABSTRACT: *The ageing population is a reality experienced in an expansive form in most parts of the world, and, while a global phenomenon, carries the achievement of longevity, however, paradoxically also carries the challenge to think in old age of the working class that are still sidelined. Therefore, we will discuss in this excerpt, about aging from the perspective of totality, with the theoretical-methodological conception, based on historical and dialectical materialism in Marx – and the present article alludes a Master thesis in progress in Social Work – the matter of stigmas propagated by post-modern society which promotes and perpetuates (pseudo)valorizations of old age, and prevents to look entirely to aging as a phase that keeps historical subjects of rights with potential beyond this sociability. For this purpose, we explain on old age in times of capital and the neoliberal approach, the old age of the subaltern classes and the centrality of the work.*

Keywords: *Stigmas; (Pseudo)valorization; Post-modernity and Old age.*

INTRODUÇÃO

O fenômeno do envelhecimento populacional é mundial, heterogêneo, multidimensional, complexo e contraditório, reflexo de lutas sociais, avanços tecnológicos e transformações societárias.

* Graduada e Mestre em Serviço Social pela UNESP - Campus de Franca.

Kalache et al. (1987, p. 201) sinaliza que a reestruturação demográfica acontece de forma heterogênea e encontra-se em diversos estágios ao redor do mundo.

Em nível nacional, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), o segmento idoso brasileiro representa aproximadamente 11,1% da população, e projeções apontam que o país será, em 2025, a sexta nação com maior número de pessoas idosas.

Das modificações que engendraram nas metamorfoses da pirâmide etária, podemos elencar: a redução da taxa de fecundidade e natalidade que estreita sua base; o aumento da expectativa de vida o que alarga seu topo, bem como os avanços tecnológicos que trouxeram melhorias na qualidade de vida, os avanços farmacológicos (campanhas de vacinação, prevenção de inúmeras patologias, controle de doenças infectocontagiosas); e transformações demográficas, societárias, econômicas e ideopolíticas vivenciadas, que contribuem para a longevidade.

Logo, a alteração no desenho da pirâmide etária, com o crescimento vertiginoso de pessoas idosas, apresenta rebatimentos em todos os setores da vida humana, inclusive para a velha classe-que-viveu-do-trabalho, e, em demasia sofre com o pauperismo, os estigmas e pseudovalorizações mantidas pela sociedade neoliberal.

Necessário se faz destacar que a velhice, retratada neste trabalho, é aquela que se constrói, historicamente, condicionada pelo sistema do capital, portanto, a evidenciaremos frente ao contexto da sociabilidade neoliberal.

A concepção teórico-metodológica que fundamenta o presente artigo é o materialismo histórico-dialético desenvolvido por Marx, tendo em vista que pretendemos analisar o tema sob um prisma crítico e este método nos permite a melhor apreensão do movimento da realidade e suas contradições. Os procedimentos metodológicos foram pautados na pesquisa bibliográfica e documental.

Abordaremos a seguir, acerca do cotidiano pós-moderno que em sua superficialidade e valorações burguesas aponta os ditames de um envelhecimento dual: ora tempo da idade do lazer “bem-sucedida”, ora da idade senil da “incapacidade” e

posteriormente enfatizaremos a centralidade da categoria trabalho e a velha classe trabalhadora.

1 ROMPENDO COM ESTIGMAS E “PSEUDOVALORIZAÇÕES” DA INVESTIDA NEOLIBERAL

O mundo contemporâneo do claro-escuro da verdade-engano que nos fala Karel Kosik, elucida nitidamente que vivenciamos uma Era onde a essência da coisa-em-si é fetichizada para mera aparência, encoberta por redomas do capital, que nos impedem de perceber o real significado da centralidade do trabalho, do significado da vida, da *eudaimonia*.

Assim, para manter o mundo das aparências o cotidiano pós-moderno se funda na superficialidade, na imediaticidade, bem como em se estabelecer padrões, rótulos, estigmas, estereótipos e pseudovalorizações.

As chamadas pseudovalorizações são as classificações extremas, radicais, ou seja, superdimensiona-se sua dualidade, ora caracterizando-a em velhice trágica, ora em velhice “bem-sucedida”. Representa a ambivalência radicalizada que camufla a velhice que então se reveste de estigmas, falácias e rotulações.

A pseudovalorização carrega em si ambivalências, pois ao mesmo tempo em que supervaloriza a “idade do lazer” – sobretudo mediada pela mercadoria, pelo poder de compra – também acusa a idade da decrepitude a “idade da espera da morte”, da “incapacidade-inutilidade”. Para Teixeira (2008) ela transporta a ideologia dominante, posto que sua produção é a valorização do capital, e não a satisfação de necessidades humano-sociais.

Ideologia são concepções que formulam sistemas de ideias, pensamentos, doutrinas e através de um determinado ponto de vista podem explicar ou dissimular a realidade social.

A ideologia do capital representa as construções da burguesia para legitimar sua hegemonia. Para Karl Marx e Friedrich Engels, a ideologia dominante refere-se ao “conjunto de ideias que procura ocultar a sua própria origem nos interesses sociais de um

grupo particular da sociedade”. Os autores concebem a referida como uma consciência falsa, proveniente da divisão do trabalho manual e intelectual.

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, a força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as ideias de sua dominação. (MARX e ENGELS, 1846, p.72)

Dessa forma, a classe que domina economicamente, também é a classe que domina ideologicamente/espiritualmente. Portanto, estas ideologias são imbuídas em nós através da cotidianidade com a finalidade máxima de remodelar hábitos, ideologias, corpos e crenças, ou seja, é um processo de reificação do ser humano, que têm então sua subjetividade e objetividade sob total controle das relações capitalistas.

Minayo (2005, p.14) argumenta que “na cotidianidade, as marcas estruturais são a base naturalizada de atualização das várias formas de violência que se expressam entre e intraclasses e segmentos sociais (...) as discriminações e os estereótipos que mantêm a violência”. Tais padrões de investidas neoliberais são sutilmente engessados, mas paradoxalmente escancarados em todos os âmbitos da vida. São impostos com o intento de mutilar as várias dimensões da vida do ser social, objetivando sua alienação.

A alienação é a mola propulsora do capital, sua condição *sine qua non*. Para manter seu *status quo* o sistema precisa de mão-de-obra e não seres pensantes – a não ser, mentes

qualificadas pra pensar em seu *marketing, business, briefing* e ser o chamado empreendedor.

Todavia, não é interessante educar uma população para questionar e criticar, pois assim, se cria de acordo com Paulo Freire, a “pedagogia da libertação” que ameaçará todo o sistema, que irá movimentar, reivindicar, refletir e transformar. Afinal, Rosa Luxemburgo já dizia “quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem”.

Portanto, a premissa de que todas as dimensões da vida do ser humano estão carregadas de pseudovalorizações está correta. O que não está, é a acomodação, a acriticidade e a resignação. Esta coisificação das relações mediadas, na roupagem do “*neo*” está revestida atualmente pela indústria cultural pós-moderna.

A indústria cultural é um termo empregado por Adorno e Horkheimer (1985), com o objetivo de caracterizar o processo de mercantilização das formas culturais, uma vez que, o racionalismo mercantil preside a *indústria cultural*. Esta, por sua vez, exerce um poder de controle sobre a conscientização individual e coletiva.

A ideologia mercantil neoliberal está fortemente presente no plano midiático, nos meios de comunicação de massa. A imagem que se têm do velho na TV – instrumento de manipulação na maior parte do tempo que com seu halo de sedução e diversão obstaculiza o senso crítico – por exemplo, é o avó, aposentado, bonzinho, quase uma criança velha, pois “os preconceitos são nutridos, alimentados cotidianamente, pelos meios de comunicação de massa, cujo controle é obtido pelos poderosos. (SAFFIOTI, 1987, p.30).

Dessa massa de excluídos e desenraizados sua maior parte têm como integrante a classe-que-viveu-do trabalho, sim, a que “viveu”, pois agora está alijada do trabalho. O segmento idoso não se insere nem no exército industrial de reserva, nem como sujeitos de direitos em tempos de capital, enfim, está classificado como inútil e oneroso.

Nogueira (2004, p. 14), completa que “vivemos em um mundo repleto de sinais contraditórios, que nos ofuscam e confundem. A intensa e quase invencível manifestação do desejo

de liberdade extrema, igualdade e justiça convive com atitudes carregadas de conservadorismo grosseiro, receoso, regressista”.

Assentimos com Nogueira, ao passo que a imagem que se têm da pessoa idosa está introjetada de contradições reais, uma vez que, é aquele que possui experiência, sabedoria e ativo, na outra já é o “gagá”, ultrapassado e incapaz, um dualismo sem fim. Mesmo que em determinadas vezes, não seja apontada diretamente o negativismo e o conservadorismo grosseiro, o sistema o faz de forma inversa, ou seja, através da cultuação da juventude. Logo, uma vez que há a exaltação da juventude, o antônimo então seria: a inferiorização da velhice.

Conforme Paiva (2014, p.143), também assinalamos que a sociedade pós-moderna “além de preconizar um tributo à juventude, mas à juventude que exerce sua capacidade funcional ao sistema do capital, são criadas formas de menosprezar e desvalorizar a velhice; ou mesmo de enaltecê-la, recorrendo a apelos do tipo “velho jovem”, negando a velhice”

A pós-modernidade para Debert (1999), opera na construção do curso da vida em nome de um estilo unitário, como uma estetização da vida com a promessa de uma eterna e nova juventude homogênea.

A autora supracitada, ainda aponta duas perspectivas analisadas, a “perspectiva da miséria” *versus* “perspectiva da fonte de recursos”. A primeira faz apologia aos estereótipos de abandono e solidão, assimilando a pessoa idosa à situação de decrepitude em um estigma de negativismo e pessimismo. A outra destaca o envelhecimento bem-sucedido, com receitas e estilos de vida moldados, referindo-se apenas ao segmento idoso ativo. Estas perspectivas são instigadas pela indústria cultural pós-moderna que dissemina os estigmas não só da velhice, como também de gênero, classe e tantos outros.

Em outras palavras, ela promove o “emburrecimento humano” engendrando uma cultura de conteúdos vazios, carregados de inutilidade, que somente minimizam o intelecto de seus consumidores, e sua massificação extirpa a criticidade, pois

“a realidade converte-se em aparência e a aparência em realidade” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Acordamos também com Saffioti (1897, p.40), que esclarece que “o estereótipo funciona como uma máscara. [...]” e é necessário para legitimar as propostas do ideário neoliberal. O que vemos na contemporaneidade, são estas máscaras oscilando entre a velhice escancaradamente ultrapassada, inútil e que almeja a juventude através de receitas prontas, ou então, a velhice bem-sucedida, como se todos tivessem as mesmas oportunidades e condições.

Os próprios termos designados á velhice são eufemismos preconceituosos, como terceira idade e melhor idade. A velhice, por ser vista sempre como a do outro – como se o envelhecimento não fosse constante e algo comum a todos – é trágica, causa espanto, inaceitação, e, o termo velho é visto como ofensa, desagradável, sendo que apenas se deriva do processo de velhice, processo este que modifica a relação do ser social com o inexorável tempo, por conseguinte, o velho é o sujeito da velhice.

Quanto a esta discriminação Paiva (2014, p.142) argumenta claramente que:

Neste sentido, o envelhecimento, longe de ser um processo multidimensional; a velhice, longe de ser a fase que completa o curso de vida humana; e o homem velho, a mulher velha, longe de serem indivíduos que viveram muito tempo, são conceitos que traduzem sistemas de ideias e (des) valores que elegem a juventude como uma fase que, na contemporaneidade, será apartada do curso de vida para representar um ideal a ser alcançado, independente da idade de quem o tente alcançar.

Corroborar-se, portanto, com o pressuposto de Teixeira (2008), ao considerar que o sistema superdimensiona esta etapa da vida, atribuindo-lhes estigmas, ora totalmente negativos, ora uma visão romanceada promovida por *experts* da área e reforçada pelo plano midiático sob o prisma de uma *nova gestão da velhice* como se fosse apenas tempo de lazer e realizações pessoais. Ou seja, caracteriza o modo de envelhecer como responsabilidade

individual, como se todos fosses providos das mesmas condições e oportunidades. “A visão tradicional do idoso como alguém inútil, isolado, em declínio biológico e mental, marcado por um tempo linear, com problemas de saúde, e na maioria das vezes, dependente física e emocionalmente de alguém, ainda prevalece.” (LIMA, 2000, p. 21).

Todavia, essas tentativas de negação dos estereótipos tradicionais atribuídos à velhice, são tão maléficas quanto as primeiras, que marginalizam e excluem, e suas causas são as mesmas, as relações de produção e reprodução sob o jugo do capital e sua lógica de desvalorização do ser humano e de suas necessidades e qualidades, que só lhe interessa como força produtiva ou como consumidor. Além das tentativas em homogeneizar a compreensão de experiências de envelhecimento, desconsiderando as diferenças de classes, etnia, gênero, dentre outras [...]. (TEIXEIRA, 2008, p. 112).

A autora assevera que tanto a desvalorização social, quanto as pseudovalorizações servem à lógica expansionista do capital. Ademais, denomina a isto, uma transmutação de problemas sociais em problemas individuais.

A idade estigmatizada da velhice ocorre como se fosse pré-moldada, contudo, é heterogênea e não está somente associada às patologias ou declínios e fraquezas do organismo. Ela é vivenciada de modo particular e único, no entanto com determinações que as condicionam de forma coletiva, como se pensarmos na velhice marginalizada de velhos pobres da classe-que-viveu-do-trabalho. Diante desta multidimensionalidade abordaremos a velhice pauperizada frente ao contexto de metamorfoses do trabalho.

2 A VELHICE DAS CLASSES SUBALTERNAS: E A CENTRALIDADE DO TRABALHO

De acordo com a realidade pós-moderna que vislumbramos, nos deparamos com as seguintes indagações: até que ponto o país está preparado para acolher a população envelhecida e se haverá

o suporte e amparo adequado para fornecer a população idosa que fora excluída do contingente produtivo e até mesmo da sociedade, influenciada pela ideologia de velhice arraigada de hostilidade.

Neste sentido, o Brasil apresenta atualmente, como país em desenvolvimento, um quadro desfavorável para fornecer o amparo e anteparo necessário à população idosa, pois estava no ranking de 7ª maior economia do mundo, de acordo com dados de 2012, e atualmente decaiu exorbitantemente devido a situação de crise e corrupção – 2º pior desempenho no mundo em 2016, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI).

No índice de Gini que avalia as desigualdades, se encontra em um patamar oposto à sua economia, segundo informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada pelo IBGE, o índice de Gini no Brasil no ano de 2013, era de 0,49, ou seja, o modo de produção inerente ao sistema capitalista em que vivemos não está “repartindo o bolo”, muito menos para aqueles que já não fazem parte do exército produtivo.

Outra preocupação diz respeito à forma de vida que se submeterão este “novo ator social” (LOPES, 2000), devido aos diversos desafios, tais como as patologias, a questão do abandono, a política de institucionalização, e as condições precárias de sobrevivência.

Em termos práticos, o que vemos é um Estado Mínimo para quem dele necessita e que atende a determinadas reivindicações para sua manutenção, mesmo assim, com um atendimento pobre destinado aos pobres. Embora seja o Estado mínimo para tais questões, concomitantemente é o Estado máximo, porém ao capital, já com relação às famílias, culpabiliza seus membros, sem ao menos lhes oferecer condições objetivas, para que possam conseguir efetivar sua “função” protetiva.

É fruto do ideário neoliberal que, enquanto uma minoria se beneficia, a maioria vive à mercê, dependente de programas sociais, em condições paupérrimas, de extrema pobreza e exploração, pois o que é socialmente produzido não é igualmente distribuído.

O velho, aos olhos do trabalho capitalista, é visto como ultrapassado, inútil e um problema para a economia, não obstante,

útil se consumir os ideais do mercado, pois “a economia baseia-se no lucro, é praticamente a ele que está subordinada toda a civilização: o material humano só desperta interesse na medida em que pode ser produtivo” (BEAUVOIR, 1976, p.11).

A situação de ser útil apenas pelo que produz na sociedade capitalista, influi diretamente sobre a vida e personalidade da pessoa idosa, que passa a ter certas condutas desviantes por se acharem improdutivo e acreditarem que sua ação com os demais resulta somente da interação e de sua relação com a natureza por intermédio do trabalho. (SOUZA, 2003, p. 02).

Já que nos referimos aos velhos trabalhadores, é de suma importância nos remeter também ao trabalho enquanto valor central do ser social, mas passou a ter outro significado, especialmente com o advento do capitalismo, cujo modo de produção terá como base o conhecimento e atividades fragmentadas, e, se tornará estranhado – em relação ao produto, à própria atividade, ao outro trabalhador e a si mesmo – alienado e fetichizado.

Este fetiche e alienação são engendrados pelo conhecimento fragmentado, perda do produto final do trabalho e por não se deter os meios de produção, ou seja, a expropriação do trabalhador e o processo distante do produto final, que limita suas potencialidades e o faz se submeter à venda máxima de sua força de trabalho por um valor irrisório, para garantir suas necessidades básicas e sua manutenção de vida sob os ditames do consumo e padrão capitalista imposto.

Partimos da tese de Marx (1988), de que a categoria trabalho só é compreendida ontologicamente na esfera da produção. É somente neste espaço que a atividade humana realiza as mediações entre o homem e a natureza, transformando objetos naturais em coisas úteis. Esta articulação entre o homem e a natureza foi chamada de trabalho.

Estas atividades executadas por homens e mulheres, precisam ser pensadas e projetadas na mente a partir de uma Prévía Ideação ou Teleologia, isto é o que os diferencia dos animais, ao

passo que há uma finalidade e não mero instinto, se constrói a partir de necessidades reais para posteriormente ser materializado. Remetemos à Marx (1988, p. 202), onde diz que, “Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade”.

Deste modo, é no trabalho que os indivíduos se distinguem dos demais seres naturais, que desenvolve sua humanidade, portanto, o trabalho é fundante do ser social.

Com a acumulação primitiva, a divisão de classes e a propriedade privada, o trabalho segue aos ditames do capital e deixa de satisfazer as necessidades humanas, para atender aos interesses de reprodução do capital despótico.

A classe-que-vive-do-trabalho, assim chamada por Antunes, venderá sua força de trabalho que será convertida em mercadorias, que irão criar outras mercadorias. De valor de uso para o valor de troca. Esta lógica, tão somente será utilizada para a acumulação e valorização do capitalismo ao deixar de satisfazer as reais necessidades dos trabalhadores.

Assevera Marx (apud, Oliveira, 2004), que o sistema gera o sobretrabalho, isto é, uma porção de trabalho que é explorada e dada ao capitalista. A esse sobretrabalho chama-se de mais-valia. Deste modo, há uma nítida separação, onde de um lado estão os detentores dos meios de produção, do produto e de sua apropriação, enquanto do outro lado estão os alijados de quaisquer condições se não a venda do seu próprio trabalho.

Essa subordinação do trabalho ao capital desumaniza e distancia-nos do processo criador em que deveria se classificar o trabalho. Metamorfoseia-se trabalho em um *tripalium*, produzindo meros objetos desvinculados de tudo e do mundo.

Na contramão dessa perspectiva, autores como Antunes (2000; 2004; 2007), pontuam que o trabalho não perdeu sua centralidade, como também a classe trabalhadora continua a assumir um papel proeminente na sociedade. Contudo, o trabalho se apresenta cada vez mais multifacetado, numa nova polissemia.

A classe trabalhadora torna-se refém de sua condição sob a égide do capital, pois o fruto de seu trabalho não lhe pertence, gera riquezas e usufrui minimamente delas, se esgotando em suas faculdades físicas e mentais, não se realizando em sua plenitude enquanto ser humano. Então surge o novo ator social: os velhos trabalhadores.

De encontro ao que Antunes (1999) diz, fundamentado em Marx, o sistema capitalista é alicerçado nas desigualdades entre as classes dominantes e dominadas, mercantiliza as relações, nisto o Estado e seus diversos aparatos reforçam este *status quo* através da disseminação da ideologia opressora.

A ofensiva neoliberal tem sido, no plano social, simétrica à barbarização da vida societária. Assentimos também com Giovanni Alves (2013), que elenca alguns pontos que irão mapear uma nova configuração no mundo do trabalho como a precariedade salarial; as novas tecnologias de informática (máquinas e computadores) e a informacional (tecnologia de rede); novos métodos de gestão (captura da subjetividade do trabalhador “colaborador” que veste a camisa da empresa, a lógica da meta, a carreira e bonificações, dentre outros).

Aponta as novas contratações flexíveis; o desmonte da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), com o fim da contratação padrão; as relações ocultas de exploração; o incentivo do “seja patrão de si mesmo” e a terceirização da terceirização; os elevados adoecimentos laborais em virtudes do trabalho estressante que não adoce apenas a força de trabalho, pois também atinge as condições de vida do ser na sua integralidade.

É inequívoco também a precarização dos espaços; a precarização existencial; o modo de vida “Just in time” (hora exata, correria) e a “imbecilização” cultural em tempos de financeirização mundial sob o circuito mercadológico.

Toda essa conjuntura pós-moderna, ou como prefere Nogueira (2012), hipermoderna, tem-se como consequência inúmeras transformações do modo de vida. Dentre elas, o crescimento do número de trabalhadores com contratos temporários, terceirizados e parciais, por sua vez, a categoria trabalho torna-se cada vez mais complexa, fragmentada e instável; o que engendra a

fragilização dos movimentos sociais e sindicais; enfraquecimento e desmobilização da luta da classe trabalhadora, ao caminhar em direção do sentimento de não pertencimento de classe.

Em consequência, eleva-se o número de trabalhadores com contratos temporários, terceirizados e parciais, por sua vez, a categoria trabalho torna-se cada vez mais complexa, fragmentada e instável; o que engendra a fragilização dos movimentos sociais e sindicais; enfraquecimento e desmobilização da luta da classe trabalhadora, ao caminhar em direção do sentimento de não pertencimento de classe.

A velha classe-que-viveu-do-trabalho não é reconhecida como portadores de direitos, tal como o direito personalíssimo ao envelhecimento e proteção, de sobremaneira, perpetra-se o sentimento de não pertencimento social, como se a velhice os destituíssem de participar na sociedade, tanto como trabalhadores quanto em qualquer outra esfera da vida. “Quem impõe o estatuto das pessoas idosas é a classe dominante.” (BEAUVOIR, 1976, p. 242).

[...] Ao se tornar velho, o trabalhador já não encontra lugar na Terra porque, na realidade, nunca lhe foi concedido lugar algum: êle, simplesmente, ainda não havia tido tempo de o perceber. Ao descobri-lo, mergulha numa espécie de desespero atoleimado. (BEAUVOIR, 1976, p.311).

A sociedade capitalista, estruturalmente desigual que explora a força de trabalho, assim como “expropria o tempo de vida do trabalhador, submetendo-o ao tempo linear, invariável e abstrato, ao tempo das coisas; o tempo-mercadoria, o tempo da desvalorização do capital e da desvalorização do homem, em que a degradação do trabalho vivo, condena-o” (TEIXEIRA, 2008, p.42).

O capitalismo redefine o sentido de “utilidade”, ao qual tudo deve-se conformar, tanto para as coisas quanto para as relações e as pessoas, definido como o que é vendável, lucrativo; lógica a qual os seres humanos devem ajustar-se [...] ou perecer [...] o ser humano só interessa como força de trabalho, fonte de mais-valia e de valor, ou como consumidor, o

que explica as situações de desvalorização social do trabalhador que envelhece, e de pseudovalorizações de outros, tanto por determinantes culturais, relações entre gerações, quanto por processos materiais de existência, sob a lógica do capital. (TEIXEIRA, 2008, p.56).

A força de trabalho desgastada e envelhecida não possui mais rentabilidade, portanto se já era precarizada na condição de utilidade, sobretudo agora será com a perda do seu valor, logo, será desumanizada. Tanto que, Heller (1986, apud TEIXEIRA, 2008, p.59) assinala que “na produção de mercadorias as relações humanas assumem a forma de relações coisificadas, a sociabilidade é fetichizada em coisalidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, estigmas e estereótipos deturpam a realidade, desmobilizam as lutas de classe e o sentimento de pertença dos sujeitos. A ideologia neoliberal propaga preconceitos e discriminações. Não se faz discussões sobre a velhice, muito menos uma preparação para esta etapa. É como se esta realidade estivesse longínqua de todos nós. Naquela sobreposição de que “velho é o outro”. Por isso, consideramos fundamental compreender a velhice, não sob o prisma da universalidade abstrata, e sim à luz da perspectiva de totalidade que envolve esta multidimensionalidade, logo, em paralelo ao modo de produção e reprodução social do atual sistema neoliberal e perceber primeiramente a marginalização da velha classe-que-viveu-do-trabalho e está sendo alijada de seus direitos e da sua condição de sujeito histórico que possui potencialidades. Assim, nossa luta é constante e deve ser cotidiana na desmistificação de tais estigmas para além desta sociedade péfida do capital pós-moderno e com ações concretas na promoção da imagem do envelhecimento sob a perspectiva de totalidade que

considere o sujeito histórico portador de direitos em uma dada sociabilidade que deve ser superada.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANTUNES, Ricardo. Crise capitalista contemporânea e as transformações no mundo do trabalho. **In: Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Brasília DF: CEAD - UNB 1999 mod.1.

_____. (org.). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão popular, 2004.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: realidade incômoda. 2ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

LIMA, Mariúza Pelloso. **Gerontologia educacional**: uma pedagogia específica para o idoso, uma nova concepção de velhice. São Paulo: Ltr, 2000.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Saúde na velhice**: as interpretações sociais e os reflexos no uso de medicamento. São Paulo: EDUC, 2000.

MARX, Karl. **O Capital**: o processo de produção do capital. Livro I, vol. I e II. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: I – Feuerbach. 6ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MINAYO, Maria Cecília. **Violência contra idosos**: o avesso do respeito à experiência e sabedoria. 2ªed. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Modernidade e pós-modernidade: em busca do sentido da vida atual. **In Revista Emancipação**. Ponta Grossa, PR: Editora UEPG, v.12, nº 1.

KALACHE, Alexandre. et al. O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 200-210, 1987.

PAIVA, Sálvea Oliveira Campelo e. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. São Paulo: Cortez, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.